

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Índios / Recenseamento

Data: 24/10/93 Pg.: 23

44R00024

Índios devem chegar a 400 mil em sete anos

Roelof Sá

O número de índios no Brasil deve chegar a 400 mil no limiar do próximo milênio. A avaliação é do antropólogo e professor visitante da Uerj, Mércio Gomes, para quem o crescimento da população indígena no País parece ser contínuo e consolidado. "Esse é o fato mais significativo da história das relações interétnicas no Brasil desde a Cabanagem, para o que o Estado está mal preparado, e a Nação nem se dá conta" — assinala Gomes, que também é subsecretário de Programas Especiais do governo do Rio de Janeiro.

Os índios brasileiros somam, hoje, mais de 260 mil. Isso significa que mais que duplicaram sua população nos últimos 30 anos. No ano de 1.500, estima-se que havia no território nacional cerca de cinco milhões de índios. No final da colonização, apenas 800 mil haviam sobrevivido. Ao término do Império, havia 300 mil. Em 1955, não chegavam a 120 mil.

"Um povo em particular, os tupinambás, subdivididos em dezenas de aldeias confederadas e inimigas umas das outras, com nomes diversos como tupiniquim, tamoio, tabajara, potiguara, maracajá, caeté, somavam talvez um milhão e viviam da Bacia do Paraguai até a foz do Amazonas", recorda o antropólogo.

Segundo Mércio Gomes, "a colonização que os portugueses aqui implantaram destruiu o cabedal formado por mais de um mil 500 povos indígenas que viviam no Brasil. "Foram destroça-

dos por morte matada a ferro e fogo, por morte morrida pelas doenças antes desconhecidas dos índios e pela morte induzida pela imposição dos costumes, regras, religião", diz.

Havia povos indígenas com grandes populações no passado, a exemplo dos tupinambás, que chegaram a casa de um milhão de pessoas, embora suas aldeias não ultrapassassem mil ou um mil 200 índios. Os tapajós e os antigos caiapós tinham aldeias maiores, de até três mil pessoas. Os parecis e bororós, de Mato Grosso, formavam contingente de algumas dezenas de milhares. Outros grupos já eram pouco numerosos, mesmo antes da colonização.

Os povos indígenas atuais com as maiores populações são os macuxi, de Roraima e os Ticuna, do Alto Solimões, que somam mais de 20 mil; os ianomamis, da fronteira com a Venezuela, que perfazem um total de mais de 15 mil pessoas; os tucanos, caingangues, guaranis, guajajaras e terenas, todos com mais de sete mil indivíduos, assegura Mércio Gomes.

De acordo com o antropólogo, exceto os ianomamis, que passam por extremas dificuldades por causa da invasão de garimpeiros em seu território, que lhes levaram todos os tipos de doenças, esses grupos, e outros como os xavantes, caiapós, e mundurucus, estão em franco crescimento demográfico. O crescimento da população indígena garante o professor Gomes, "transcende o limite das nossas ações, positivas ou negativas. É um fenômeno universal".

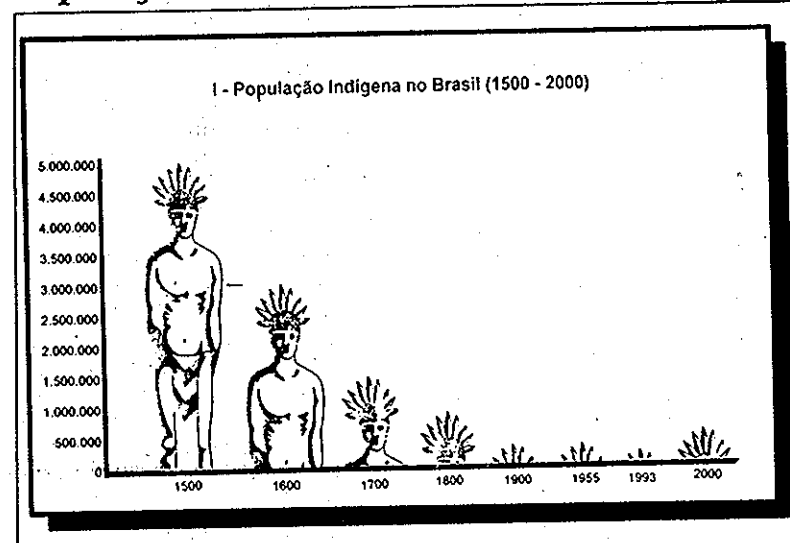
Ameaças ainda são constantes

O professor Mércio Gomes espera que todos esses grupos indígenas em crescimento não venham a sofrer mais queda populacional. "Mas nada pode ser garantido" — alerta. "Na história das relações interétnicas, no Brasil, houve ocasiões em que populações indígenas chegaram a crescer bastante, como no baixo Amazonas, no início do Século XIX, só para serem destruídas pela Guerra da Cabanagem (1835/40)" — recorda.

Segundo o antropólogo, há ainda casos de povos indígenas cujas estabilidades demográficas são ainda muito precárias: "povos como os guajás, os uru-uau-uau-uau, os poturus, cujo contato com a Funai, com as missões religiosas ou com as frentes de expansão econômica mata velhos, jovens e crianças com doenças tão simples como a gripe," assegura.

Gomes lembra também o exemplo dos guaranis, de Mato Grosso, cujas aldeias estão praticamente encurraladas pela expansão das cidades, com seus jovens vivendo sem perspectivas de manter um padrão digno de ser índio e, ao mesmo tempo, sendo rejeitados pelos brasileiros das cidades, que preferem

População de 1.500 a 2.000



antes se matar do que viver essa vida.

"Há ainda os que vivem no Nordeste e no Sul do País, já em condições sócio-econômicas semelhantes às dos vizinhos pobres brasileiros, cujas terras estão constantemente ameaçadas de invasão por parte de fazendeiros ou lavradores sem terra", observa o antropólogo.

O professor cita, além desses, os tuxás, que viviam num bairro em Rodélas, pequena cidade do médio São Francisco, e tinham sua plantação numa ilha em frente à cidade, que tiveram tudo inundado pela hidrelétrica de Itaparica, tendo sido transferidos para outro local, para ten-

tar refazer suas vidas.

Além dessas ameaças, outras, advindas do crescimento, desenvolvimento e expansão do Brasil — que historicamente se fez sobre as terras dos índios, põem em risco os grupos indígenas brasileiros. "Essa exploração, hoje, recebe o nome de "projeto", que vão desde o assentamento de colonos até a construção de hidrelétricas e a exploração de minerais ou madeira. Apesar disso, o crescimento demográfico dos povos indígenas é o maior acontecimento histórico de caráter positivo que já aconteceu nas relações interétnicas brasileiras", assegura Mércio Gomes.

As etnias por estados

Região	Etnias		População	
	Nº	%	Nº	%
Estados				
NORTE	204	63,06	127.329	48,4
Amazonas	88	27,2	69.403	26,4
Rondônia	38	11,7	5.017	1,9
Acre	20	6,2	7.951	3,0
Roraima	13	4,0	27.038	10,3
Pará	41	12,7	14.162	5,4
Amapá	4	1,2	3.757	1,4
NORDESTE	42	13,0	56.961	21,7
Maranhão	9	2,8	13.717	5,2
Piauí	0	0,0	0	0,0
Ceará	3	0,9	5.472	2,1
Rio G. do N.	0	0,0	0	0,0
Paraíba	1	0,3	5.488	2,1
Pernambuco	8	2,5	18.552	7,1
Alagoas	13	4,0	3.628	1,4
Sergipe	1	0,3	255	0,1
Bahia	7	2,2	9.848	3,7
CENTRO-OESTE	58	17,9	50.664	19,3
Mato G. do Sul	7	2,2	30.415	11,6
Mato Grosso	42	13,0	15.2654	5,8
Goiás	9	2,8	4.995	1,9
SUDESTE	11	3,4	8.528	3,2
Minas Gerais	4	1,2	6.029	2,3
Espírito Santo	3	0,9	1.097	0,4
Rio de Janeiro	1	0,3	42	0,0
São Paulo	3	0,9	1.361	0,5
SUL	9	2,8	22.013	8,4
Paraná	3	0,9	7.424	2,8
Sta. Catarina	3	0,9	3.979	1,5
Rio G. do Sul	3	0,9	10.611	4,0
TOTAL	324	100,0	262.995	100,0